

SUMÁRIO

ABERTURA

Kátia Pereira Bessa 02

APRESENTAÇÃO

Ari Pargendler 05

PALESTRA: Conversando Sobre Ética

Mário Sérgio Cortella 07

SIMPÓSIO 37

ABERTURA

KÁTIA PEREIRA BESSA

Secretária de Gestão de Pessoas

Boa tarde a todos. É um grande prazer tê-los aqui e uma grande honra para a Secretaria de Gestão de pessoas ter a prestigiosa presença a este evento do Vice-Presidente do Superior Tribunal de Justiça, Ministro Ari Pargendler.

Particularmente, estou muito feliz, porque tenho em nossa companhia dois mestres: um da área do Direito e outro das áreas da Educação e da Filosofia, o Professor Mário Sérgio Cortella, que nos será apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Ministro Ari Pargendler.

Há uns dois dias, falávamos ao telefone, eu e o Professor Mário Sérgio Cortella, contextualizando sobre este *Encontro com Notáveis*. Falei para ele que este encontro fazia parte do Programa de Desenvolvimento Gerencial que a Secretaria de Gestão de Pessoas vem oferecendo ao longo deste ano, que consiste basicamente em trazer um notável em vários temas relacionados à gestão para que pudesse conversar com a plateia. A essa altura ele me perguntou se seria um simpósio, ao que respondi negativamente, que seria um seminário, com o que ele discordou, perguntando, em seguida, qual seria a dinâmica do encontro. Expliquei que ele falaria, interagindo com a plateia, ao que ele reafirmou que seria um simpósio.

Obviamente, fiquei muito curiosa e, ao finalizar a ligação telefônica, pesquisei em um *site* localizado pelo *Google* (<http://alfarrabio.org/index.php?itemid=2990>) o significado etimológico da palavra simpósio. Descobri que simpósio, uma palavra que teve sua origem na Grécia antiga, é um substantivo formado pelas palavras *sin*, que significa junto, e *posis*, que significa beber. O seu uso iniciou-se com encontros festivos para tomar vinho e conversar um pouco. No entanto, alguns gregos conversavam mais do que bebiam. Logo todos estavam ouvindo mais do que conversando, trocando mais ideias, e paravam de

beber até que todos os gregos ficaram tão ocupados, trocando ideias e conversando, que eles esqueceram de beber. Então, descobri algo o Professor Cortella não sabe. Dizem as más línguas que uma explicação razoável para a queda do Império Grego é que eles pararam de beber. Brincadeira gente!

Resolvi também pesquisar sobre a palavra seminário e observei que tem mais a ver com este Encontro. Descobri que a palavra seminário tem origem no latim **seminarium**, que significa viveiro de plantas, sementeira, sementes, sêmen, aquilo que germina.

Conclui, então, que o Encontro com Notáveis pode ser tanto um simpósio quanto um seminário. Simpósio porque a beberagem fica por conta do saber, beber o saber; e seminário porque fica por conta do sêmen. Disse ao Professor Cortella, hoje ainda, que o nosso propósito aqui é inquietar as pessoas, que todos saíamos daqui de uma forma algo inquietas com o que ouvirmos aqui.

Não por acaso, este último Encontro com Notáveis do ano de 2009, abordará o tema: *Conversando sobre Ética*. Todos os temas relacionados à área de gestão que trouxemos, como: liderança, tomada de decisão, comunicação, influência, se não estiverem alicerçados por alguns princípios e valores éticos, realmente não se apresentarão efetivos na liderança.

Apesar da minha dúvida quanto a se teríamos audiência suficiente para ouvir sobre a ética, tivemos um grande quorum. Trata-se de um tema tão importante que, atualmente, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) – consta da pasta que foi distribuída aos senhores – editou a Resolução nº 70, que dispõe sobre o Planejamento e a Gestão Estratégica no âmbito do Poder Judiciário, que foi assinada por todos os presidentes dos tribunais.

Constam dessa Resolução, vários objetivos estratégicos do Poder Judiciário. Cito o Objetivo nº 9: “Disseminar valores éticos e morais por meio de atuação institucional efetiva.”

Esse assunto é tão importante que faz parte de uma meta estratégica a ser alcançada pelo Poder Judiciário. Consta também dessa pasta a Resolução nº 8 do Superior Tribunal de Justiça, o Código de Condutas do Superior Tribunal de Justiça (STJ), publicado e assinado pelo Presidente do STJ, Cesar Asfor Rocha, em 13 de novembro deste ano, e o seu lançamento está, exatamente, acontecendo neste momento.

Na apresentação deste Código, consta:

Nossa reputação e nossa credibilidade são os ativos mais importantes de que dispomos. Os princípios que orientam nossa atuação contribuem para a formação da imagem que queremos construir. Condutas que refletem integridade, transparência, respeito e honestidade têm influência na confiança que os outros depositam em nós. O Código de Conduta do Superior Tribunal de Justiça resulta no compromisso de cada um em fazer a sua parte.

Portanto, vamos entender o Código, vamos cumpri-lo. E quando fizermos as nossas escolhas – e já conversamos sobre fazer escolhas e decidir – vamos nos perguntar ou nos habituar a perguntar: É ético? É legal? Está de acordo com o que preceitua o Código de Conduta? Se a resposta for não, busquemos orientação. Este Código é bom para mim, é bom para nós, é bom para o STJ. Ele vai orientar as nossas condutas e é bom que isso possa fazer parte da nossa vida.

O Professor Cortella, seguramente, falará sobre tudo isso que parece muito complicado, mas não é. A ética de cada um de nós orienta as nossas escolhas.

APRESENTAÇÃO

ARI PARGENDLER

Vice-Presidente do Superior Tribunal de Justiça

O Professor Cortella é um *habitué* do Programa, em que de fato só há notáveis. Inicialmente, chamou-me a minha atenção o fato de o Professor ser filósofo e teólogo, apesar de ter uma figura jovem, que mais combina com a de um grande cantor *pop*; porém, quando fala, compreendemos por que possui o título de Doutor em Filosofia. É, realmente, uma pessoa com ideias muito claras, expõe-nas com grande precisão e posso dizer que vim aqui assistir a sua aula.

Atualmente, para o presente tema, temos a conjunção excepcional da sua importância com a sua atualidade. A ética é algo de que precisamos todos no mundo contemporâneo, pois somos muito carentes dela em vários aspectos na nossa vida no Brasil, de modo que esta é uma oportunidade única de nos aperfeiçoarmos. Tenho a certeza de que todos vamos aproveitar muito esses minutos de convivência com o Professor Cortella.

Cumpro a honrosa deferência que me proporcionou a Secretária Kátia Bessa para a parte mais formal da apresentação.

O Professor Mário Sérgio Cortella é filósofo, mestre e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor Titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte, e da Fundação Getulio Vargas, de São Paulo.

Paulo Freire, como todos sabem, um dos maiores educadores que Brasil já teve, foi seu orientador de doutorado, e o Professor Cortella com ele trabalhou à época, na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Professor Cortella é, ainda, autor, entre outros, dos livros intitulados *A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e*

Políticos, Descartes: a Paixão pela Razão, Não Espere pelo Epitáfio: Provocações Filosóficas, Nos Labirintos da Moral e Não Nascemos Prontos!

Apresenta programas como: Modernidades e Diálogos Impertinentes, na Rede Sesc/Senac de TV. É conferencista e articulista de jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo.

Esperamos que, daqui para frente, venha mais vezes ao Superior Tribunal de Justiça.

CONVERSANDO SOBRE ÉTICA:

MÁRIO SÉRGIO CORTELLA

Professor e Filósofo

Boa tarde. Já estive outras vezes neste Tribunal. Uma ou outra pessoa aqui presente deve ter me assistido no auditório. Em dois momentos conversamos sobre outros temas, mas a alegria maior é que hoje possamos pensar um pouco sobre ética. Mais do que isso, nossa alegria vem do fato de, sendo um cidadão brasileiro, imaginar que um dos nossos superiores tribunais faça com que sejamos capazes e, mais do que isso, estejamos dispostos a pensar sobre esse tema com a profundidade que o tempo nos permitirá.

Apesar de estarmos em um evento da Secretaria de Gestão de Pessoas denominado *Encontro com Notáveis* – claro que gosto da honra que me foi dada, até brinquei com a Secretária Kátia quando me perguntou se poderia vir participar de um “encontro com notáveis”, ao que respondi: “Por que, não acharam nenhum?” – e de a ideia de notável ser algo honrosa, evidentemente, nos tornamos notáveis na vida quando, não eu ou você apenas, nos notam por aquilo que fazemos. Ninguém é notável porque nasce notável. Você é notável pelo que faz, quando alguém lhe nota. Existem pessoas que são notáveis pelo bem que faz, pela honestidade que decide, pela responsabilidade que carrega; e outras que são notáveis pela inconstância, pelo desleixo, pelo desmando. Por isso, fico animado, supondo que fui colocado na categoria dos notáveis que são notáveis por serem descentes.

Veza ou outra, em alguns níveis de poder dentro de uma sociedade, pessoas tratam-se por excelência. Essa palavra é bastante forte e não deveria ser usada com muita leviandade como é usada em alguns locais, porque excelente é aquele que, de fato, demonstra como homem ou mulher condições elevadas de vida, de conduta. Aliás, em alguns locais, quebra de decoro não é chamar alguém de cangaceiro, mas de excelência, porque se excelência ele não é, uma vez que para ser excelência é preciso

construir a excelência, que tem como ponto de partida a excelência ética. Para que um homem e uma mulher sejam excelentes têm que ser eticamente excelentes; do contrário, a palavra pode carregar uma certa vacuidade.

Evidentemente, gosto da idéia de pensarmos sobre ética, mas gosto ainda mais da idéia de que nos juntamos, em uma tarde como esta, para estudarmos um pouco.

Gosto muito de Paulo Freire. Tive a honra de trabalhar com esse pernambucano estupendo por dezessete anos, que nesta semana será anistiado. Aproveitando que acontece um fórum de educação e tecnologia em Brasília, será assinada a anistia de Paulo Freire, que teve que sair do Brasil em 1964. Ele estava em Brasília, por ocasião do golpe militar, momento em que foi decidida a sua prisão. Ele ficou preso, inicialmente, no Rio de Janeiro e, posteriormente, no comando do exército em Recife.

Uma história que Paulo Freire mais gostava de contar, ocorrida em Recife, diz que, na primeira semana em que esteve preso no comando militar do nordeste, o tenente responsável pela prisão sugeriu que, como ele iria ficar preso por tempo indeterminado, aproveitasse a oportunidade para alfabetizar os soldados e recrutas analfabetos, ao que Paulo Freire exclamou: mas é por isso que estou preso!

Ele faleceu há doze anos, mas finalmente foi anistiado pela Comissão de Anistia.

Assim como a Paulo Freire, existiu um outro nordestino, também já falecido, que eu admirava muito, chamado Luís da Câmara Cascudo, um antropólogo de primeiríssima linha, natural do Rio Grande do Norte. Aliás, o Museu de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem o seu nome. Câmara Cascudo, um gênio, é o autor de um dicionário de folclore inestimável para o mundo todo e, principalmente, para o Brasil. Um dicionário de folclore que não há como fazer igual, com as mesmas força e dimensão. Câmara Cascudo era um homem que adotava a boa

prática de todos os dias sentar-se para estudar em seu gabinete, birô, como se fala no Rio Grande do Norte. Fato curioso: teve uma cozinheira que trabalhou para ele durante quarenta anos. Um dia, a cozinheira preparava um almoço, mexia um pirão de queijo, daqueles feitos no Rio Grande do Norte, e, enquanto isso, o gênio estudava na pequena biblioteca. O assistente de Câmara Cascudo, que estava perto da cozinheira, ao observá-lo estudando, comentou: “Esse homem é um gênio!” Ao que a cozinheira respondeu: “Eu não acho, trabalho há quarenta anos para ele e todos os dias o vejo estudar.” Ela não havia entendido que a fonte da genialidade está em estudar sempre, todos os dias, de todos os modos que se puder.

Sob esse ponto de vista, termos homens e mulheres, em uma tarde como esta, em um Encontro como este, dispostos a estudar um pouco sobre ética, é sinal da nossa capacidade de aprender e de crescer e, mais que tudo, da virtude mais importante que alguém precisa ter: a humildade intelectual.

Humildade é diferente de subserviência. Uma pessoa subserviente é aquela que se dobra a qualquer coisa. Uma pessoa humilde é aquela que sabe que não sabe tudo, é aquela que sabe que não é a única que sabe, é aquela que sabe que o outro sabe que ela não sabe, é aquela que sabe que ela e o outro saberão muitas coisas juntos é aquela que sabe que ela e o outro nunca saberão tudo o que pode ser sabido.

Por isso, hoje é um Encontro de Notáveis e com Notáveis! Supondo que eu seja um notável, encontro-me aqui com outros e outras por uma razão: temos humildade suficiente para saber que não estamos prontos e que a ética é tal como disse um dia – disseram que ele disse, que teria dito – o Marechal Eurico Gaspar Dutra sobre a democracia, quando afirmara que a democracia era uma plantinha frágil a ser regada todos os dias. O mesmo vale para a ética. A ética é uma plantinha frágil que precisa ser regada e cuidada diariamente.

Pergunta dos senhores, agora, no ponto de partida: o que é ética? Ética é a capacidade de cuidar da vida coletiva. Ética é a capacidade de não descuidar. Um grande pensador e filósofo francês do século XX, chamado Paul Riquer, tem uma definição absolutamente escorreita sobre o significado da palavra ética: "Ética é vida boa para todas e todos e instituições justas." Repito: "Ética é vida boa para todas e todos e instituições justas."

Vamos analisar a definição. O que é vida boa? Os senhores sabem e eu sei. Não preciso explicar o que é vida boa. Vida boa é vida que não é humilhada pela falta de trabalho digno, que não é ofendida pela falta de socorro de saúde, que não é diminuída pela ausência de um lazer sadio, de uma moradia saudável, de uma escolaridade completa. Os senhores sabem o que é vida boa, não vou eu explicar; tanto que nós não só sabemos como temos vida boa.

A questão é que ética não é só vida boa, é vida boa para todas e todos. Vou contar um detalhe: sabe quem são todas e todos? Todas e todos. Ética é vida boa para todas e todos. Se a gente não tiver vida boa para todas e todos, não há ética, e sim privilégio.

Atualmente, fala-se muito em qualidade de vida. Não se confunda qualidade com privilégio! Por exemplo, em uma democracia, que é o nosso desejo de proteção, qualidade tem que ser social, e qualidade social é sinônimo de quantidade total. Repito: em uma democracia, qualidade social é indicada por quantidade total. Se não tivermos todas e todos na escola, não temos uma escola de qualidade. Se não tivermos todas e todos em um trabalho decente, não temos qualidade de trabalho. Não se confunda, repito, qualidade com privilégio.

Quer ver um exemplo? Sou paranaense, nasci em Londrina. Sou o que chamam de "VIP": Vindo do Interior do Paraná. Trabalho e moro na capital paulista há 41 anos. São Paulo é reconhecida em qualquer lugar como uma cidade na qual se come muito bem, o que é verdade. Pergunto:

Quem come o quê? São Paulo tem 260 cinemas, 75 teatros, 42 museus. Quem pode frequentá-los? Quem usufrui? Por isso, cautela!

Democracia exige qualidade social e, para isso, volto a dizer que ética significa vida boa para todas e todos e instituições justas. Faltou a terceira parte: o que são instituições justas? São aquelas que garantem vida boa para todas e todos. Ficou claro? Uma instituição é justa se ela garantir vida boa para todas e todos. Não para “todas e todos” dentro dela, porque isso pode criar de novo o privilégio. Por exemplo, se a universidade em que sou professor é justa, porque garante vida boa para os alunos, professores e funcionários, está estabelecendo privilégios. Vida boa para toda e todos significa que o trabalho da universidade é promover uma sociedade de dignidade coletiva, de respeito à liberdade e de possibilidade de uma vida que seja fértil.

Por isso, tenhamos cautela para não pensarmos a ética como uma questão individual, pois ela não é. O que é individual é moral. A ética é um conceito de uma sociedade, e o nosso grande sonho: uma ética universal, isto é, que todos os homens e mulheres no mundo possam adotá-la. A moral é a prática dos teus princípios éticos, portanto, é individual, pois somos nós que agimos; mas a ética são princípios coletivos.

Partindo dessa percepção, em um dos meus livros de que gosto muito, chamado *Qual é a tua obra?* Quando você se for, o quê vai ficar? Qual é o teu legado? Qual é a tua herança? Aliás, esse livro, publicado pela Editora Vozes, tem como subtítulo *Gestão, Liderança e Ética*. Qual é a tua obra? Quando você se for, o quê vai ficar? Nada levamos.

Vou contar uma coisa para vocês bem baixinho, apesar de a câmera estar filmando: nós vamos morrer! Não sei se você sabia disso? A maior parte das pessoas sabe, mas não se importa e não se dá conta que vamos morrer um dia. A grande pergunta não é o quê que vamos levar porque nada levaremos, aliás, caixão não tem gaveta. A glória do mundo é passageira. O ex-prefeito de São Paulo morreu no dia 20 de novembro,

já teve o poder em uma das maiores cidades do planeta. No sepultamento dele havia trinta pessoas. Aqueles que dele, inclusive, aproveitaram-se, no máximo, mandaram um telegrama. Morreu no dia da Consciência Negra. A glória do mundo é passageira. A grande questão não é o que levo, porque nada levo. A grande questão é o que deixo. Qual é a tua obra e qual é a minha obra? Qual é o teu legado?

Até os dez anos de idade, vivendo em Londrina, preocupava-me com uma questão – já tinha a tendência à inutilidade, à filosofia – ficava pensando: quando eu morresse, qual seria o meu epitáfio? O que mandaria escrever no meu túmulo? Tenho um livro chamado Não espere pelo Epitáfio com 33 provocações filosóficas sobre vida, amor e morte. Lembram-se da música *Epitáfio* de autoria do grupo Titãs, que dizia: “Devia ter amado mais, sonhado mais, ter visto o sol nascer”? Até os dez anos de idade estava sossegado, pensando nisso, pois não havia televisão na minha cidade e, por isso, podia raciocinar à noite. Até que um dia – saí de Londrina aos treze anos –, aos dez anos de idade, encontrei o epitáfio que queria e sosseguei.

Atualmente, não quero mais o epitáfio porque não quero mais ser sepultado, pois quero ser cremado, é muito mais adequado e, ecologicamente, mais eficiente. Essa é uma questão individual, cada um a decide de per si. São Paulo tem o segundo maior cemitério do planeta Terra, que é o Cemitério da Vila Formosa com um milhão e meio de corpos sepultados. Imaginem o impacto que esse fato causa no lençol freático, a quantidade de insetos, de roedores e de outros; mas trata-se de uma decisão difícil. Há povos que não se preocupam com essa questão e nós sim.

Fui Secretário de Educação da cidade de São Paulo e tentei fazer uma campanha a favor da cremação na capital paulista. Cheguei, inclusive, a obter o patrocínio da Caixa Econômica Federal. No debate sobre isso, não queria impor, é óbvio, mas queria fazer cartazes para discutir na cidade a temática da cremação e procurei fazê-lo. Só não o fiz

em virtude de a Prefeita, na época, Luiza Erundina, uma mulher de bom senso, não me deixar por conta do lema que eu havia criado, pois achou que poderia ficar encrencado, mas tenho certeza que todos iriam gostar.

Como eu tinha patrocínio da Caixa Econômica Federal, o lema que criei para o cartaz era: "Vem para a caixinha você também!" Era genial. Mas, a Prefeita não deixou. Luiza Erundina é uma pessoa de bem, e não de bens, tanto que transitou em julgado uma decisão sobre ela e, com 30 anos atuando na política, não tinha patrimônio suficiente para pagar a condenação no valor de 350 mil reais. Em 30 anos de política, adquiriu um patrimônio que chega a 220 mil reais, isso porque é uma professora universitária etc. Mas muitas pessoas estão se agregando para ajudá-la a pagar essa dívida, pois gente decente gosta de gente decente.

Independentemente da questão partidária ou não, por não ser este o nível para se trazê-la à tona, é interessante quando uma pessoa de bem não é, necessariamente, uma pessoa de bens. Nem todo mundo que é gente de bens é gente de bem. Nem todo mundo que é gente de bens é gente de males. Tem muita gente de bens que é muito boa. Tem muita gente de bem que não tem bens.

A grande pergunta é: por quê? Curiosamente, eu, com o epitáfio concluído, hoje, não teria mais tal preocupação. Sosseguei, aos dez anos de idade, quando cheguei à conclusão de qual epitáfio queria. A questão é que, há três anos, fui a Porto Alegre, cidade que vou quase toda a semana, e, ao chegar lá, fui visitar as obras do poeta brasileiro que mais admiro – escrevi dois livros dedicados a ele –, que é Mário Quintana, gaúcho que nasceu em Alegrete (RS) e morreu em Porto Alegre, solteiro, com quase 88 anos, o que o deixa mais admirável ainda.

Toda vez que alguém perguntava a ele: "Por que o senhor nunca se casou?" Ele dizia: "Sempre preferi deixar dezenas de mulheres esperançosas, a uma só desiludida." Um argumento ético imbatível: a proteção ao bem-estar alheio.

Mário Quintana, um dos gênios da nossa Nação, estudava também todo dia, por isso, também, era um homem admirável. Foi, por três vezes, recusado na Academia Brasileira de Letras, apesar de ter deixado uma obra inestimável para este País. Foi, por três vezes, candidato à imortalidade da Academia e, nas três vezes, foi derrotado. Há vários "imbecis" que participam da Academia e vários que já estiveram, e muitos que lá estão não são imbecis e muitos que lá estiveram não são.

Muita gente está lá por ter escrito um ou dois livros, por injunções políticas, por temores dentro de ditaduras, e Mário Quintana lá não entrou. Na terceira vez em que foi derrotado, escreveu o poema mais bonito que conheço e, espero, que todos o saibam de cor, pois o declamarei novamente, intitulado *Poeminho do Contra*, que possui quatro versos:

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Mário Quintana, estupendo gaúcho, deu azar: morreu no dia 5 de maio de 1994, isto é, na mesma semana em que faleceu Ayrton Senna. Por conta disso, ficou anônimo em sua morte.

Quando alguém famoso morre na mesma época em que outrem mais famoso, desaparece. Somos muito lembrados quando partimos, mas alguns sequer sabem que Mário Quintana morreu, em virtude de não ter havido nenhuma divulgação e, portanto, sua obra não foi tão lembrada. Aliás, é algo que me preocupa. Viajo de avião quase todos os dias, e é claro que pode acontecer algum acidente. Então, a primeira coisa que faço ao entrar no avião é ver quem está lá dentro, pois o que considero mais chato, se acontecer alguma coisa com o avião, é meu nome sair no jornal, no outro dia, em uma nota no pé da página escrita: "e outros". Já imaginou? A pessoa estuda, escreve, publica etc. e sai no "e outros", é algo muito chato.

Na época em que Mário Quintana faleceu, morava em um hotel, na Rua dos Andradas, também conhecida como Rua da Praia, em Porto Alegre, chamado Hotel Magestic, que não existe mais. O ex-jogador e atual comentarista de futebol Paulo Roberto Falcão comprou o hotel e preservou o quarto de Mário Quintana do jeito que era quando ele morreu. O que é algo muito bonito!

Ao morrer, Mário Quintana era solteiro; sua sobrinha foi visitar o quarto e, no momento em que abriu uma gaveta da escrivaninha, encontrou um caderno no qual ele havia escrito o seu epitáfio. Saibam que o epitáfio que Mário Quintana queria para ele era o mesmo que eu havia pensado para mim. Daí, fiquei com raiva do Mário Quintana. Claro que ele não o copiou de mim, nem precisaria, pois sempre foi muito melhor que eu. Aliás, eu, Mário Sérgio, e ele, Mário Quintana, sempre digo referindo-me a ele: "Dos 'Mários', o melhor."

Mário Quintana pediu que fosse escrita em seu túmulo a maior verdade ética que você e eu precisamos nos preocupar: "Eu não estou aqui." Olhem que coisa genial: "Eu não estou aqui." Onde está Mário Quintana? Em nós. Na sexualidade que assumiu, na religiosidade que praticou, na honestidade que defendeu, na fraternidade que protegeu, na solidariedade que ofereceu, na felicidade que desejou, na honestidade que praticou. Onde está Mário Quintana? Em nós. Já imaginaram?

Vou contar-lhes algo para não esquecerem: nós vamos morrer. A grande questão, portanto, não é a partida, mas, como disse o grande Guimarães Rosa, é a travessia. Disse ele: "O importante não é chegar nem partir, é a travessia." Para essa travessia, você tem um tempo para ver tua obra. Qual é o teu legado? Qual é o meu legado? Quando nós nos formos, o que vai ficar? Aliás, o que eu e você vamos deixar que não estrague, não apodreça, que não seja objeto de disputa odiosa, porque, às vezes, deixamos coisas que servem de disputa odiosa. É interessante.

Mas por que digo isso? Porque o livro *Qual é a tua Obra* inicia com um prefácio feito pela minha filha, Ana Carolina, que mora em

Florianópolis com o marido. São os meus filhos que fazem os prefácios das minhas obras, pois não quero ninguém falando mal de mim.

A Carol, como a chamamos, é uma advogada criminalista. Nesse prefácio, conta um fato que tem a ver com vocês, porque escreveu que, ao ler o livro, conseguia ver-me mexendo as mãos, pois, como filho de italianos que sou, dialogo também com as mãos. Ela escreveu: "Pai, consigo ouvir tua voz, ver teu gesto." Disse ainda que nunca se esqueceu de um fato: como criminalista, a primeira vez em que foi fazer uma sustentação oral, telefonou-me dizendo que estava com as pernas tremendo e que queria falar tão bem quanto eu. Disse a ela: "Filha, faça por 30 anos como eu, e você vai conseguir." Ela me disse que isso a acalmou. Sabem onde foi essa sustentação oral? Aqui, no STJ. De fato, acalmou-se, não obteve o sucesso completo imaginado, mas um dos ministros pediu vista no processo, o que já facilitou. Ela estava sustentando um **habeas corpus**.

Por que estou dizendo isso? Porque minha filha, Carol, termina o prefácio perguntando: "Qual é a nossa obra?" E responde: "É o futuro, pai." Por isso quero contar-lhes uma coisa: pensar sobre ética é pensar no futuro.

Ontem pela manhã, no *Bom Dia Brasil*, jornal da TV Globo, não o assisti porque estava no avião vindo para cá para participar um debate na Comissão de Ética do Governo da área executiva, mas a Secretária Kátia Bessa me contou. Terminei dizendo algo que é verdade: que o mundo que vamos deixar para os nossos filhos depende muito dos filhos que vamos deixar para esse mundo.

A grande questão é qual a concepção dos filhos que deixaremos sobre ética, sobre vida coletiva, sobre a capacidade de existência, sobre a nossa obra? Qual é a nossa obra? Qual é a tua obra? Qual é a minha obra? Olha que delícia, já imaginou.

Vou lançar um livro esta semana. Aliás, estarei, hoje, às 20 horas, na Feira do Livro, no Pátio Brasil, autografando, no estande da Editora Vozes, ao menos dez dos livros mais recentes que escrevi. Eventualmente, se tiverem algum interesse, passem pela Feira, pois estarei lá com alegria. Um dos livros, que será lançado na sexta-feira, trata de uma questão que queria partilhar com vocês.

O livro, cujo título é *Viver em Paz para Morrer em Paz*, apresenta na capa uma pergunta, que quero repartir com vocês: “Se você não existisse, que falta faria?” Isto é, tua obra, minha obra fazem falta? No dia em que me for, tanto faz ou alguém sentirá falta? Claro que, de maneira geral, sentimos falta de alguém porque é memorável, porque nos ajudou a proteger a vida, porque foi exemplar.

Quem faz falta para você é aquela pessoa que ajuda a proteger a tua vida, e a vida no sentido mais geral. Às vezes, faz falta para você o teu pai e a tua mãe, se você já não os tem; faz falta o teu avô e a tua avó; faz falta para mim, entre os que mencionei, Paulo Freire. Por que ele faz falta? Porque nunca deixou que tivéssemos negligência ética – como funcionário público que fomos, porque ele era meu chefe quando secretário –, que resvalássemos para qualquer forma de incúria, que praticássemos o pior crime ético na área do serviço público, que é a não consecução dos objetivos da atividade pública. Se a nossa tarefa era cuidar da educação, não cuidar dela era uma fratura ética imensa, e a pior fratura ética é a não realização dos objetivos do serviço público, da área pública, é claro. Praticamos, se bobearmos, estelionato – art. 171, do Código Penal –, porque o cidadão remunera o serviço e eu não o devolvo para ele, o que se chama estelionato. Paulo Freire não deixava que desanimássemos do ponto de vista da ética. Ele faz falta para mim.

Volto à pergunta: se você não existisse, que falta faria? Isso vale para outras coisas. Se o STJ não existisse, que falta faria? Se alguém, um dia, disser: “Olha, não faz falta nenhuma.” Que pena! Se a minha universidade – a PUC de São Paulo – não existisse, que falta faria? Para o

mundo, que falta faço eu? Você poderia me perguntar: “O que isso tem a ver com ética?” Tudo.

O livro *Qual é a tua Obra?* começa com uma ideia que queria repartir com vocês, que é uma frase de um grande pensador britânico do século XIX, chamado Benjamin Disraeli, que disse, e é verdade: “A vida é muito curta para ser pequena.” Já basta que ela curta seja para que você e eu, de alguma forma, consigamos apequená-la. Quando apequenamos a vida, descuidamos da ética, porque se a ética é a capacidade de cuidar da vida, descuidar da ética é descuidar da vida coletiva.

Cabe a mim, nesse tempo de desespero, pensar algumas coisas. A primeira delas: ética é uma questão absolutamente humana. É impossível falar de ética fora do mundo humano, porque a ética tem um pré-requisito: pressupõe a tua capacidade de escolher, decidir e julgar. Não é possível falar em ética sobre outros animais que não nós.

Por exemplo, há cinco anos, na cidade do Recife, uma criança passava ao lado de uma jaula, num zoológico, e um leão a puxou e a matou. Todo dia, ouve-se falar de ataques de cães *pit bulls* ou *rottweilers*. Por que o elefante, o leão e o cão fazem o que fazem? Porque não têm como não fazer. Sobre um cão não digo: esse cão é bom ou é mau. Não posso fazer juízo ético sobre seres que não são capazes de decidir por si mesmos. Qual o nome que se usa na área do Direito para alguém que não tem responsabilidade sobre algo, no sentido de que não pode decidir? Ele é inimputável. Inimputável não significa que não possa fazer nada, significa que não tem juízo suficiente para escolher.

No imposto de renda existe um nome para tal situação. Pode ser colocada como dependente uma pessoa que não se sustenta, que não decide por si mesma. Para o imposto de renda essas pessoas são chamadas de incapazes. Incapazes de quê? De decidirem por si mesmas. Atenção: os outros animais, que não nós, sobre eles não se pode pensar em ética, porque ética pressupõe a capacidade de decisão, de juízo e de escolha. O conceito de ética está ligado à ideia de liberdade.

Qual a primeira palavra que o ser humano aprende a dizer e entender? Não é mamãe, que é a segunda palavra, porque a mãe treina a criança. Papai vem a ser a terceira palavra, porque a mãe fica com dor na consciência e a treina também. A primeira palavra que o ser humano aprende a dizer e a entender é: não. Você leva a mamadeira e a criança diz não; se você a coloca na boca, ela cospe; se você tenta pegá-lo, ele sai correndo. Ser humano é ser capaz de dizer não. Aliás, só quem pode dizer não, pode dizer sim.

Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro escreveram uma música chamada *Pesadelo*, que tem um trecho que diz:

(...)
Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
(...)
Quando o muro separa, uma ponte une

De repente, olha eu de novo: você prende meu corpo, torna-me escravo teu, eu solto minha mente: eu sonho.

Nos Estados Unidos faço *blues*, *gospel*. Não posso cultuar meus deuses que vieram comigo da África, quando fui escravizado, e dou o nome dos teus. No lugar de Ogum, Oxóssi, falo em Jorge, em Jesus, mas você não acaba comigo. Se você pode oprimir o meu corpo, eu deliro ou sonho.

A primeira e mais forte capacidade humana é, exatamente, a liberdade. Aliás, se um gato passar aqui, agora, onde estou e encostar a pata nesta tomada que está aqui e tomar um choque, nunca mais ele põe a pata aqui de novo. O ser humano não é assim: se você falar para uma criança não colocar o dedo em uma tomada porque ela irá se machucar, ela não liga, coloca o dedo e se machuca. Se você colocar uma fita crepe na tomada, ela arranca a fita e coloca o dedo assim mesmo. Se você falar para ela não subir em determinado lugar para não cair, ela sobe e cai.

“Não casa com aquele cara porque ele não presta!”, ela casa. Essas coisas não funcionam.

Ser humano é ser capaz de dizer sim e não. Tem uma frase que diz: “Gato escaldado tem medo de água fria.” Essa frase só vale para gatos, não vale para humanos. Se valesse para humanos, ninguém casaria duas vezes, ninguém torceria pelo Vasco, ninguém faria uma série de coisas no dia a dia.

Estou dizendo tais coisas porque ética pressupõe liberdade. Existem pessoas, curiosamente, que dizem assim: “Queria ser livre como um pássaro!” Cuidado! Pássaros não são livres, pássaros podem não voar, pássaros não escolhem para aonde voam. Não adianta um sabiá, numa tarde como hoje, depois da chuva, dizer: “A tarde está tão bonita, acho que vou a pé para o ninho.” Atenção: ele não tem escolha! Guardem isso: ele não tem escolha, pois essa já foi feita por ele, está na sua natureza. O nome que damos à escolha prévia feita por ele é instinto. O instinto é uma norma que independe dele, que ele não escolhe.

Disse Jean-Jacques Rousseau – o ministro ensinou tantos anos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e deve lembrar de Rousseau –, na discussão sobre contrato social e no discurso sobre a desigualdade entre os homens, algo que é verdade: um cachorro morre de fome ao lado de um pacote de alpiste; um pardal morre de fome ao lado de um pedaço de carne. Ou está na natureza deles ou não fazem. Nós, seres humanos, somos capazes de comer tudo que não nos coma antes. O único critério que temos é o de que tudo que não nos comer antes nós comemos. Critério este que é utilizado há séculos, tanto que somos o animal mais onívoro do planeta, e comemos com requinte.

Sempre digo que existem três grandes mistérios na vida humana. O primeiro é: por que os camicases usavam capacetes? Esse é um mistério forte.

Segundo mistério: por que o ser humano come ostra? Ele pega uma pedra, abre a ostra e come aquela gosma, que, com limão e champanhe, fica muito gostoso.

Terceiro mistério: por que o Palmeiras corre o risco de perder o campeonato este ano depois de ter estado a oito pontos dos demais times?

Observem que coisa curiosa: a primeira e maior condição da ética é decidir, escolher e julgar. Por isso digo a todos: ética é uma questão absolutamente humana, porque está ligada à liberdade.

O que é ética? Ética é o conjunto de valores e princípios que utilizamos para decidir, escolher e julgar. Ética são os valores e princípios que utilizamos para definir nossa conduta.

Existe alguém sem ética? Não. O que existe são pessoas com diferentes conceitos de ética. Por exemplo: sou absolutamente avesso ao furto. Quem furta tem ética? Tem, mas é uma ética diversa da minha. Existe ética na máfia, nas cadeias, nas corporações etc. Alguns poderão dizer: mas isso não é ética, Cortella! Isso é antiética! Cuidado! É antiética, mas não deixa de ser uma forma de decidir, escolher e julgar.

Existe alguém aético? Aético é diferente de antiético. Antiético é aquele que pratica o que consideramos um desvio de conduta, ou seja, um erro da convivência. Insisto na pergunta: existe alguém aético? Sim. Quem? Aquele que não puder decidir, escolher e julgar: uma criança até determinada idade; um adulto, se for privado do juízo – e não por acaso a palavra juízo tem a ver com escolha –; uma pessoa que tenha problemas mentais ou alguém que não pertença a determinada cultura do dia a dia, que na justiça é chamado de inimputável, exemplo: as nações indígenas e as comunidades indígenas, no Brasil, apesar de haver controvérsias nessa discussão, ainda assim são protegidas, com razão, em relação à inimputabilidade em uma série especial de quesitos, por se supor que,

pelo fato de não conviverem na nossa cultura, não dominam os critérios de escolha.

O que quero dizer com isso? É ético o fiscal que frauda uma nota, o professor que se aproveita de uma aluna para dar nota, aquele que pratica assédio moral, o parlamentar que pratica corrupção, o membro do Judiciário que prevarica? No nosso ponto de vista, é antiético. Mas ele tem uma ética? Tem. Qual é a ética? A que aceita aquele tipo de decisão.

Por isso estamos aqui falando da ética que defendemos: a ética que está colocada em um código de conduta, a ética que este grupo defende, assina e protege com uma convicção. A ética que não aceitamos é aquela cujo lema maior é: não fazemos qualquer negócio. Há coisas que não fazemos, não queremos que façam e não aceitamos que seja feito. Claro! Alguns poderão perguntar: Então, o senhor está dizendo que vale qualquer coisa na ética? Não. Estou dizendo que a ética é o conjunto de princípios e valores que usamos para decidir, escolher e julgar. Isso significa que há pessoas que são aéticas, ou seja, não podem decidir, escolher e julgar; e há pessoas que usam os critérios que têm e fazem o que você e eu não aceitamos fazer. Um exemplo: racismo, discriminação, assédio moral, assédio sexual, prevaricação etc., eu não aceito, e, se você não aceita, ótimo! Então, juntamo-nos e formamos um grupo que não aceita essas práticas, e esse grupo que não as aceita defende uma ética de proteção a determinados valores.

Mas, cautela! Aproveito os próximos trinta minutos em que estaremos juntos para pedir a vocês que pensem a respeito disto: se a ética é exatamente o conjunto de valores e princípios que você e eu usamos para decidir, escolher e julgar, e se estou dizendo que não existe ninguém aético, exceto aquele que não pode escolher, existe o antiético, que é aquele que faz o que consideramos incorreto como comunidade, como grupo, como estrutura.

É preciso pensar que a ética é temporal na história. Há 123 anos neste país, admitia-se a propriedade sobre outro ser humano, e isso fazia

parte da ética daquela sociedade, mas não fazia parte da ética de alguns que, aliás, lutaram contra a escravatura, haja vista Zumbi – lembrado recentemente, no Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro –, que pagou com a própria vida. Alguns, na época, diriam que ele era antiético, que o que ele estava fazendo era equivocado; alguns, talvez, para usar uma linguagem de agora, diriam que ele era subversivo.

Paulo Freire foi condenado, em Inquérito Policial Militar, como alguém que discordava da ética da Pátria: da Ordem e do Progresso.

Cuidado para não cair no relativismo no que estou dizendo agora: Então, vale tudo na história? Não. Significa que nossos valores crescem ou se modificam em uma determinada direção. Às vezes, há jovens que me dizem: Professor, este País não tem jeito! Basta ler o jornal e assistir à TV todos os dias: é sempre corrupção. Digo a eles: “Vamos pensar juntos um pouquinho: a novidade no nosso País não é a corrupção, é a apuração; a novidade não é a sujeira, é a rejeição à sujeira; a novidade não é a sujeira debaixo do tapete, é gente levantando o tapete.” Coisas que só a democracia permite, porque, fora dela, não há como o Judiciário ser livre, o Executivo ser livre, a cidadania ser livre. Somos um País tão livre nessas questões que, em conversa recente com o Ministro Sepúlveda Pertence, presidente da Comissão de Ética Pública do governo, ele disse-me algo que eu não sabia, e que, provavelmente, o Ministro Ari Pargendler saiba: o Poder Judiciário é o único Poder absolutamente transparente em relação às suas ações no que se refere à transmissão pública de suas atividades. Por exemplo: no Executivo, quando o Presidente se reúne com os ministros, os jornalistas podem entrar na sala onde a reunião irá realizar-se e permanecer ali por dez minutos para fotografar etc., enquanto que o Judiciário transmite suas sessões pela televisão. Dizia o Ministro Sepúlveda Pertence que apenas três países no mundo veiculam pela televisão o procedimento das cortes superiores: Brasil, México e Suíça. Apenas nesses três países do mundo, o cidadão, ao ligar a televisão,

assiste pelas televisões cortes superiores escolherem, decidirem e julgarem.

Faz apenas vinte anos que podemos fazer isso em uma democracia, que precisa ser protegida. E o aluno me dirá: Mas, professor, é corrupção! Cuidado! O que temos hoje é um nível de rejeição maior, e uma parte de nós que considera absolutamente antiético admitir valores que não o são. Independentemente dessa questão, que é coletiva, há uma que é individual, que é: Qual é a tua obra? Essa é uma questão.

Ora, se a ética é o conjunto de valores e princípios que usamos para decidir, escolher e julgar, são três as grandes questões da vida humana: Quero? Posso? Devo? Há coisas que quero, mas não posso; há coisas que posso, mas não devo, e há coisas que devo, mas não quero.

Como é que vivo em paz? Viver em paz não é viver sem problema; viver em paz é viver com a consciência de que se está fazendo o que tem de ser feito e o que se acredita que deve ser feito.

Aliás, vocês devem se lembrar do que foi dito há pouco: a glória do mundo é passageira.

Interessante: quero; devo; posso. Isso significa que, se você e eu somos livres, há uma encrenca no meio.

Tenho filhos próprios e adotados, todos adultos e casados, e quando cada um deles completa 25 anos celebramos em casa com um almoço e fazemos-lhe várias perguntas, como: "Na vida conosco, de que você gostou e de que você não gostou?" Recentemente, fiz essa pergunta ao meu filho Pedro – ele é jornalista –, que completou 25 anos no ano passado, e ele respondeu-me que havia gostado de muitas coisas, dentre as quais algumas não vou repartir, pois são de foro íntimo, mas repartirei apenas uma delas. Ele disse-me: Pai, eu gostava muito de duas coisas: uma é que, quando éramos crianças, você enchia nosso quarto de cartazes e frases de filósofos e deixava lá por um ano. É verdade. Quando eles eram crianças, como não existia computador, escrevia frases de

pensadores em cartolina e deixava no quarto deles. Perguntei-lhe se ele se lembrava de alguma outra coisa, e ele respondeu-me: Lembro-me, e essa é a segunda coisa de que mais gostava. Essas frases eram inesquecíveis. E perguntei de qual delas ele se lembrava, e ele disse-me: Lembro-me de duas: uma era uma delícia! Fiquei anos olhando para ela, e ela me ajudou a ser o jornalista, o cidadão, o pai que sou hoje. É uma frase do filósofo alemão Kant, do século XVIII, cuja síntese vale para você e para mim, e é um princípio ético forte. Disse Kant: "Tudo que não puder contar como fez não faça." Porque se você tem razões para não contar como fez, essas são as razões para que não o faça. Óbvio! Meu filho Pedro disse-me: Pai, nunca me esqueci dessa frase. E eu lhe disse: Que bom! Perguntei a ele se lembrava de outra frase, e ele respondeu-me: Sim. Lembro-me da frase de um Apóstolo dos Cristãos, um judeu chamado Paulo. Aliás, Paulo, em latim, significa pequeno.

Paulo Freire, por exemplo, não tinha uma estatura mediana, era de estatura baixa, na nossa média. Apesar de se chamar Paulo, Paulo Freire era um homem tão grande que se considerava pequeno para poder crescer. Gente que é grande de verdade sabe que é pequena e, por isso, cresce. Gente que acha que já é grande é tão pequena que o único modo que ela encontra para crescer é rebaixar, humilhar outra pessoa. Gente que acha que já é grande, do ponto de vista ético, é bastante pequena. Gente que sabe que é pequena eticamente estuda, vem à palestra, debate, preocupa-se e passa por algo muito forte, que é exatamente o que disse um dia Paulo, o Apóstolo dos Cristãos, judeu, nascido com o nome de Saul, ou Saulo, na Segunda Carta aos Coríntios: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém." Vejam que frase ética fortíssima e que princípio ético fortíssimo. Isto é: posso fazer qualquer coisa, porque sou livre, mas não devo fazer qualquer coisa; há coisa que não devo fazer. O que não devo fazer? Tudo aquilo que diminuir "a vida boa para todas e todos e instituições justas", tudo aquilo que apequenar a minha vida e tudo aquilo que apequenar a vida de outra pessoa.

Digo a vocês: todos iremos morrer. E, mais, queria que eu e você morrêssemos em paz. Mas para que morramos em paz, temos que viver em paz. E viver em paz não é viver sem encrência, não é viver sem problema, não é viver sem perturbação. Viver em paz é viver com a consciência de estar fazendo o que tem de ser feito para não diminuir uma vida, que já é curta. Do contrário, nem trinta pessoas vão ao teu sepultamento. E, diante da pergunta: "Se você não existisse, que falta faria?", talvez as pessoas dissessem: "Nenhuma. Aliás, já foi tarde!"

Interessante: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém." Curioso: somos livres para decidir o que convém e o que não convém. E agora direi algo que você já sabe, e eu também sei: o que não convém. Às vezes, ficamos um pouco em dúvida com relação à conduta do dia a dia. Há coisas que ainda não entendemos como elas se dão na relação. Um exemplo: à época em que era Secretário de Educação na Cidade de São Paulo, pelas regras do uso de equipamento público, não podia usar o telefone para realizar ligações pessoais, fato que é verdade. A Janete, com quem sou casado – ela, assim com nosso filho Pedro, é jornalista –, às vezes, ia visitar-me no meu gabinete e, quando queria fazer uma ligação, ela tinha a opção de usar meu telefone de Secretário ou dirigir-se até um orelhão que ficava na parte térrea do prédio na Avenida Paulista. Ficávamos em dúvida, porque não havia uma regra ou um código disciplinando a respeito. Como é que decidíamos? Embora, na dúvida, seja a favor do réu, ela descia e fazia a ligação no orelhão. Alguns poderão perguntar: Por que ela não usava o seu celular? À época, ainda não existia celular – isso ocorreu em 1991 ou 1992. Interessante. Alguém ainda poderia dizer: Mas o que custava? O que custava era uma questão de princípio. Se não podia usar o telefone, não usava. Se eu, Secretário, autorizasse minha esposa a fazer uma ligação, o que diria a outro servidor se a mulher dele estivesse visitando-o na repartição e quisesse fazer uma ligação? Diria que ela não poderia fazer a ligação? Nesse caso, há uma questão da coerência ética. Beda, o Venerável, um grande homem do século VIII, certo dia disse: "Há três caminhos para a felicidade (ou

fracasso): 1. não ensinar o que se sabe; 2. não praticar o que se ensina; e 3. não perguntar o que se ignora.”

Praticar o que se ensina é um problema de coerência ética. Curiosamente – imagina-se –, a questão da liberdade é algo que, às vezes, você e eu não sabemos. Não é à toa que a Secretária Kátia, na introdução desta apresentação, disse uma frase sobre a qual vale a pena refletir: Se você não sabe direito o que fazer, pergunte. O que não podemos é fazer o que não deve ser feito, sob o seguinte argumento: Bom, isso está numa zona meio... Claro! E está mesmo! Mas é preciso perguntar.

Para amarrarmos um pouco a reflexão: encrenca. Você e eu somos livres; a ética está apoiada na liberdade. E, porque somos livres, nem tudo que posso quero, nem tudo que quero devo e nem tudo que devo posso. Como é que resolvemos isso? Dependerá dos princípios éticos de cada uma e cada um de nós. A questão é que cada uma e cada um de nós vive na vida algo chamado dilema. O que é um dilema? Tem coisa que quero, mas não posso, e tem coisa que posso, mas não devo. Você e eu vivemos todos os dias dilemas éticos. Sabe por quê? Porque somos livres. Um exemplo de dilema: sou casado com minha esposa Janete há décadas. Ela e eu nos amamos e estamos juntos há décadas. Temos um pacto de fidelidade. O que isso significa? Não tenho outras mulheres, do ponto de vista sensual, e ela não tem outros homens, do ponto de vista sensual. Por que temos o pacto? Porque queremos e somos livres. Isso significa que eu não queira outras mulheres? Não. À vezes, quero. Às vezes, me encanto por outra mulher, do ponto de vista intelectual, físico, erótico. Quero. Posso? Posso, porque estou sempre viajando para lá e para cá etc. Devo? Não. Por que não devo? Por causa do pacto. Alguns poderão dizer-me: Mas a Janete não vai ficar sabendo. Mas a questão não é com ela. A coerência tem a ver comigo. Coerência é a tua postura na vida, é a minha postura na vida.

Abro aqui um parêntese. Tenho um cunhado, e somos amigos há 45 anos. Antes de ele ser meu cunhado, já éramos amigos. Tenho 55 anos, e nos conhecemos desde que tínhamos dez anos. Ele deixou de ser meu cunhado no final do ano passado. Ele continua meu amigo. Nos últimos 45 anos, ele e eu, sempre, no aniversário dele, que é em abril, e no meu, que é em março, encontramos-nos, ligamos um para o outro, abraçamo-nos ou nos falamos. Este ano, em março, todos ficaram esperando para ver o que ele iria fazer, ou seja, se ele iria ou não me ligar. No dia do meu aniversário, ele não ligou. A questão é que a hora do troco estava chegando, porque o aniversário dele é em abril, e todos ficaram esperando para ver o que eu iria fazer. Perguntaram-me se eu iria ligar para ele, porque ele não havia me ligado. No dia do aniversário dele, liguei para ele, falei com ele, desejei a ele felicidade e disse-lhe que mantenho meu amor por ele.

Quando terminei, falaram: "Você está louco! Você ligou para ele? Ele não te ligou!" Eu disse: "Quem decide o meu comportamento não é ele." Não é ele que diz como eu sou na vida, não é porque o outro não faz, que eu também não faço. Sou eu que decido. É a minha coerência. Eu sou um indivíduo. Aliás, quando eu morrer, sou eu que vou morrer, não vou morrer por ele. Se eu quiser morrer em paz, tenho que procurar esta paz. Fecho o parêntese.

Quero, mas às vezes não posso e às vezes não devo. E Janete? Será que Janete deseja outro homem? É óbvio. Ela é uma mulher saudável. Aliás, ela é jornalista e ficou um mês a trabalho em Nova York. De lá foi a Milano, Itália, onde ficou uma semana. Vocês já viram um milanês de perto? São homens de um metro e noventa, bonitos, narizes aquilinos. Será que ela se encantou com algum milanês? Provavelmente. Podia? Sim, pois ela está lá e eu estou aqui. Devia? Não, espero. Por que não devia? Pelo pacto.

Ora, o pacto é o nosso código de conduta. Cortella ela não ficará sabendo. Mas está aqui! E Daí? Só um papel irá decidir? Não. Não é um

papel que decide, é a minha morte que decidirá isto. No fundo, a minha vida. Essa é a questão. Ah, mas tudo bem! Você é quem sabe. Claro. Se eu quiser ser honesto e ter uma vida decente, rompo o pacto e faço o que quero. Mas, enquanto o pacto estiver valendo, eu preciso fazê-lo valer, do contrário, o nome disso é indecência. Vocês sabem que a palavra decência vem do latim dec, que significa ornar, combinar, de onde vem a palavra decorar, decoração. Uma coisa decente é aquela, como a gente diz no interior, que orna, que combina. Uma coisa decente é aquela combina. Uma coisa indecente é aquela que não combina.

O que não combina com uma democracia? Autoritarismo, corrupção, desvio de recurso, a não execução da atividade pública, a não sustentabilidade da área privada, o não exercício decente do cidadão no dia a dia. Isso é indecente, não combina. Dec. Da palavra dec veio decoro. Quando você decora, você enfeita. Não pode ficar feio. O que fica feio é o que é indecoroso. Um palavrão é chamado de indecoroso, porque é uma palavra feia. Embora em alguns momentos ele seja até necessário. É gostoso falar um palavrão bem falado. Ele não pode ser usado no dia a dia, porque senão perde o sentido.

Tenho um genro que é alemão, que mora com minha filha Carol, em Florianópolis. Ele está no Brasil há dois anos e não consegue entender uma coisa, que o alemão não faz, a gente usa o palavrão aqui como uma forma de afeto. Você encontra um amigo e diz: "Putá, quanto tempo, seu filho da puta! Você desapareceu!" Ele tinha acabado de chegar da Alemanha e me trouxe uma garrafa de vinho, imagina o genro de frente ao sogro, e quando ele chegou e me deu esta garrafa, eu disse: "Michael, puta que o pariu, que coisa gostosa!" Ele recuou. Há momentos em que o palavrão é indecoroso e, em outros, ele não é. Assim como a saia da menina na universidade pode ser indecorosa em uma situação e pode ser decorosa em outra. O que não pode é resolver um problema de saia curta com o uso de uma mente estreita, pois fica menor que a saia ainda. Você

poderá dizer que a saia é feia, mas, a partir daí, agredir um ser humano, é ter uma ética inacatável, inaceitável.

Pois bem, para ir amarrando o tempo, agora vamos falar sobre dilema. Vamos entender porque a ética é uma coisa complicada. Por exemplo, na universidade que dou aulas não posso tirar cópias xerográficas de material para o meu uso pessoal. E aí, tiro ou não? “Ah! Pelo salário que me pagam. E o reitor deve tirar pra ele, e também ninguém vai notar!” Cuidado! O Corpo de Bombeiros diz uma coisa que você e eu sabemos. Nenhum incêndio começa grande, mas com uma faísca ou uma fagulha, assim como o apodrecimento ético nunca começa grande. Começa com a aceitação de pequenos gestos e pequenos atos. Dilema: você e eu vivemos.

Quer ver outro dilema? Eu, Secretário de Educação na cidade de São Paulo, morava, para quem conhece a capital paulista, na Avenida Angélica, na área central, numa região que sobe, e meu filho mais novo, o Pedro, estudava na Praça Buenos Aires, um parque que fica próximo, a quatro quarteirões. Todos os dias eu saía de casa pontualmente às sete horas da manhã – conto isto no livro *Qual é a Tua Obra* –, quando punha o pé para fora de casa quem estava me esperando? Meu carro oficial, na época, um opala preto, com chapa dourada, sinônimo de autoridade, e junto a segurança da Polícia Militar. Pela regra, mal eu punha o pezinho para fora do elevador, eu era responsabilidade da segurança. Claro. A questão é que todos os dias eu levava o Pedro a pé para a escola. Saía de casa com o Pedro pela mão e subia quatro quarteirões até a Praça Buenos Aires; enquanto isso, os dois carros iam me seguindo bem devagarzinho, na Avenida Angélica, quando eu virava na Rua Alagoas, deixava o Pedro na escola, entrava no carro oficial e me dirigia para a Secretaria, como autoridade que era, na Avenida Paulista.

Tinha dia que queria por o Pedro no carro oficial. Às vezes estava chovendo, e eu cansado, pois tinha chegado de madrugada. Na época, não existia celular e nas enchentes em São Paulo, o lugar de abrigar as

peessoas que perdem suas casas era nas escolas. Tinha passado a noite coordenando parte da defesa civil. A gente dormia, quando dormia, com o rádio modelo ht ao lado da cama, a noite inteira fazendo barulhos, chiando. E as sete da manhã eu estava ali na porta com o Pedro, o carro oficial ali parado e eu tendo que subir aqueles quarteirões a pé. Queria muito usar o carro oficial. Podia? Podia! Se não tivesse imprensa olhando, se o cidadão não prestasse atenção, se não fosse uma democracia, eu entraria no carro. Não é isto? Devia? Não. Por que eu não devia? Porque existe uma regra na Prefeitura que diz: "É vedado ao servidor público o uso de bens coletivos para fins privados." Aí você diz: "Cortella, você está sendo cínico, hipócrita, pois o carro já estava subindo mesmo, estava gastando gasolina." Mas a lei não diz: "É vedado ao servidor público o uso de bens coletivos para fins privados, a menos que o carro já esteja subindo e gastando gasolina mesmo."

Se eu, secretário, admitisse a relativização da ética, o que me daria moral, legitimidade, e a palavra que vocês usaram aqui, a nossa credibilidade. Que credibilidade eu teria para dizer para um servidor que ele não poderia usar a Kombi para ele levar a cesta dele ou que ele não poderia pegar parte do material de construção da escola para concluir a obra que ele estava precisando?

Uma coisa curiosa: ética tem a ver com projeto de vida, com integridade. O que é uma pessoa íntegra? É uma pessoa que não tem duas caras. Que não fala uma coisa e faz outra. Uma pessoa que tenha sinceridade. Sabe da onde vem a palavra sincero? Nós filósofos sabemos de uma série de coisas inúteis e uma delas é essa. A palavra "sincero" vem do teatro clássico. No teatro grego clássico, todos os atores em cena eram homens. No teatro grego clássico, há dois mil e quinhentos anos, não havia mulheres fazendo papéis, como o teatro kabuki japonês até hoje é assim. Os homens é que representavam os papéis. E para eles representarem todos os papéis, os gregos tinham um hábito, eles faziam uma máscara de argila e seguravam-na na frente do rosto. Os latinos

chamavam essa máscara de persona. De onde vem a palavra personagem, personalidade. Aliás, tem gente que usa várias dessas máscaras. Guarda uma em casa, leva outra para o serviço e lá brada: "Corrupção!" À noite, assiste ao jornal, vê desabamento de casas em algum lugar, vê desvio de remédio e diz assim: "Que horror! Alguém tem que fazer alguma coisa!" E vai assistir à novela. No dia seguinte, assiste ao jornal de novo: trabalho escravo em algumas regiões, o sofrimento de parte das pessoas, crianças fora da escola e diz: "Que horror! Alguém tem que fazer alguma coisa!" Mas ele mesmo em casa tem uma empregada doméstica que não é registrada. Ele não aceita que haja nenhum tipo de desvio no seu contrato de trabalho, mas tem uma empregada que não é registrada, o que a lei não admite.

Aliás, ele também fala: "Que horror! Onde já se viu analfabetismo?" Mas, às vezes, a pessoa que trabalha na sua casa não é alfabetizada. Pensa que é um problema do governo. Na oitava economia mais poderosa do Planeta Terra, quinze milhões de homens e mulheres não leem o lema da própria bandeira, "Ordem e Progresso", se bobearmos alguns estão nas nossas casas.

Várias máscaras. Um exemplo: aquele que compra produto pirata e reclama de desemprego no Brasil. Ele esquece-se, de propósito, que junto com o produto pirata, no container, vêm armas e drogas, e, depois, pensa que não tem nada a ver com assassinatos no Rio de Janeiro, com a queima de arquivo numa cidade-satélite. "Sabe o que é Cortella, produto pirata é mais barato." Claro, é ilegal. É mais barato também fazer caixa dois que fazer declaração certa; fica mais barato não declarar direito seu imposto de renda, desviar, praticar evasão fiscal.

Tem gente que fala, mas só respeita limite de velocidade quando tem radar. Olha que curioso: tem gente de cinquenta anos de idade usando carteirinha de estudante, que o genro arrumou só para ele pagar meia entrada no cinema. Ele vai ao dentista e o dentista pergunta: "Com ou sem recibo?" Mas à noite ele diz: "Que horror! Essa política, essa

sujeira!” Cautela. Não estou dizendo que porque um faz o outro deve fazer. A sua ética e a sua coerência dependem da sua integridade.

Olhe que curiosidade: os gregos legaram seu teatro para os latinos, e estes usaram a idéia de fazer personagens homens em cena; só que, em vez de fazerem uma máscara de argila, pegavam cera de abelha, misturavam com os pigmentos vegetais e passavam no rosto. Por isso, uma pessoa sincera é uma pessoa sem cera, sem máscara. A palavra sincero vem de “sem cera”, “sem máscara”. O que é sinceridade? É não ter duas caras. E sinceridade é a capacidade de ser íntegro e íntegra.

Termino com duas ideias: a primeira é a integridade. O que é integridade? Nasci em Londrina, vivi lá até os treze anos de idade e, quando criança, meu pai, bancário, diretor de banco quando morreu. Inclusive, até os seis anos de idade, o lugar onde eu brincava era no cofre do banco, porque o gerente morava na agência do banco ou em cima dele. Os cofres eram grandes na época, como não havia transferência eletrônica de dinheiro, precisava-se de dinheiro vivo, o que em português chamamos de cash.

Nunca me esqueço de um princípio ético, olhe o que é a formação. No primeiro dia em que entrei no cofre do banco e dei dois passos, – tanto que até hoje não tenho fixação material pelo dinheiro, de vê-lo, de mexer, porque aquilo fazia parte – meu pai pôs a mão no meu ombro e disse assim: “Filho, o que não é teu, não é teu.” Nunca mais me esqueci isso. Quando fui secretário de educação, quando sou cidadão, quando faço minhas coisas, ecoa: “Filho, o que não é teu, não é teu.”

Já pensou? Todos os dias meu pai chegava às seis e meia da tarde, vindo do banco, em Londrina – houve uma época na história humana em que os pais chegavam às seis e meia da tarde – e mal ele chegava, meu irmão e eu corríamos para abraçá-lo. Houve uma época na história humana em que, quando os pais chegavam, os filhos corriam na direção deles. Aliás, relato essa reflexão no livro sobre ética que escrevi com Yves de La Taille, um grande Psicólogo da Universidade de São Paulo, intitulado

Nos Labirintos da Moral – se você estiver hoje às vinte horas na feira do livro, onde estarei, você irá ver o livro, que é sobre jovem, tv, virtude, valores.

Quando meu pai chegava, nós o abraçávamos, quando ele entrava em casa, minha mãe contava a ele tudo que meu irmão e eu, tínhamos feito naquele dia, aí ele iria tomar as providências pedagógicas, ele dizia “Vocês vão apanhar!” E dizia assim: “Já para o banheiro!” Ele só batia em banheiro. Era em casa, casa de parente ou hotel; por isso até hoje tenho trauma de banheiro. Respeitava a “vida privada”. Essa história aconteceu dezenas de vezes. Depois, quando cresci, lembrávamos disso, eu e meu pai, tomando um vinho, e dávamos risadas.

Mas nunca esqueço de uma coisa, ele dizia assim: “Vocês vão para o banheiro, só que tem uma coisa: não vou bater em vocês agora porque estou nervoso; antes vou ler o jornal, mas vocês fiquem lá esperando.” Era a pior parte, claro, pois ele ficava vinte, trinta minutos lendo o jornal e nós lá, aguardando ele entrar a qualquer momento, em edição extraordinária. Depois de vinte, trinta minutos, ele entrava, tirava a cinta, bancário usava cinta fina naquela época, e dizia três coisas que compreendíamos bem, e uma quarta que não conseguia entender, a não ser quando o meu pai cresceu e eu cresci que entendi. A primeira coisa que ele dizia era: “Vocês vão apanhar, né?” A gente dizia: “Sim.” A segunda era: “Vocês sabem por que vão apanhar?” – que é a consciência do fato. Ao que respondíamos: “Sim.” A terceira era – noção de justiça: “Vocês merecem apanhar?” Lógico que você não vai dizer “não” para uma pessoa maior que você e com uma cinta na mão. A quarta coisa demorei anos para entender, ele dizia: “Filho, eu, por mim, não te bateria, mas, como sou teu pai, tenho que te bater.” Aí, ele batia. Enquanto tomava três ou quatro cintadas, ficava pensando assim: “De quem ele está falando?” Porque ele se colocava na minha frente como dois, ele dizia: “Eu, por mim [e apontava para ele, que era meu pai], não te bateria, mas, como sou teu pai...” Mas ele era o meu pai! Um dia, quando ele e eu crescemos ,

disse-lhe: "Pai, essa era uma forma de esquizofrenia ética." Sabe por quê? Porque ele se colocava na minha frente como dois. Atenção, como se ele fosse ele e uma função, cuidado! Eu não sou eu e uma função, eu não sou eu e um pai, eu e um professor, eu e um juiz, eu e um servidor, eu e um jornalista, eu e um irmão, sou eu. Eu sou eu.

"Olha, eu, por mim, não te reprovava, mas como sou teu professor tenho que reprovar." "Eu, por mim, não te puniria, mas como sou um magistrado tenho que fazê-lo." "Eu, por mim, não te mandaria embora, mas como sou seu chefe tenho que mandar." Ora, se "eu, por mim não faria"; então, não faço. "Olha, eu, por mim, não te reprovava"; então, não reprove. "Sabe o que é Cortella, se não reprovar, danço eu." Ok, você escolheu que você não dança, dança ela. Mas é escolha. "Olha, Cortella, eu, por mim, não te mandaria embora, mas, como sou teu chefe..." Então, não mande. "Ah, não, mas se eu não te mandar embora, vou eu embora." Certo, você escolheu que não vai, vou eu. Mas se vou perder salário, se vou perder cargo... Lamento, vamos morrer um dia.

Devemos ser coerentes com os princípios. Quando você precisa não abrir mão dos seus princípios, pode perder privilégios, cargo, dinheiro e, às vezes, como aconteceu com muita gente, perder a vida; mas, ao perdê-la, irá ganhá-la com integridade.

Termino de vez, agora, exatamente com esta idéia, esta questão curiosa: integridade. Olha só, lembro-me sempre de um julgamento em Nuremberg, quando vinte e três generais nazistas foram a julgamento por terem massacrado seis milhões de pessoas só da nação judaica, afora ciganos, homossexuais, mulheres, padres que haviam deixado a igreja – e tem gente que ainda nega que isso aconteceu.

Gostaria de saber o que esse sujeito que abria o gás para eliminar pessoas contava em casa, à noite, para sua mulher quando ela perguntava como havia sido o seu dia. Ou aquele que embarcava crianças em um vagão de trem, para depois deixá-las nuas, em determinado lugar,

para soltar gás e matá-las. A filhinha falando: “Papai, o que o você fez hoje?”

Vinte e três acusados foram a julgamento e somente um deles, ao ser perguntado, o porquê de ter feito o que fez, disse que o fizera porque entendia ser o correto. Os outros vinte e dois acusados, com a mais frágil desculpa ética, diziam-se inocentes e que, por eles, não teriam agido dessa maneira e que estavam apenas cumprindo ordens.

Milhares e milhares de alemães pagaram com a vida, com a falta de liberdade, com as propriedades, porque não concordaram. Integridade, quem vale? Grande questão. Este código de conduta serve para que cuidemos de uma vida, que pode até ser curta, mas, enquanto aqui estivermos no STJ, não pode ser pequeno. Enquanto você aqui estiver, não pode ser pequeno. Afinal de contas – e essa é a última frase que direi : cuidado!

Um dia, François Rabelais, estupendo monge beneditino, que escreveu, no século XVI, duas obras magníficas da renascença: Pantagruel e Gargântua, disse a seguinte frase – que, aliás, é a última frase do meu livro Qual é a tua obra –, e vou dizê-la duas vezes: “Conheço muitos que não puderam, quando deviam, porque não quiseram, quando podiam.” Repito: “Conheço muitos que não puderam, quando deviam, porque não quiseram quando podiam.” A gente quer, deve e pode, tem de fazer; do contrário, de nada adianta. Cuidado!

Doutores lembrem-se do que dizem os chineses: “quando o jogo de xadrez acaba, independentemente do resultado, o peão e o rei são guardados na mesma caixa.” Por isso, ética, decência, capacidade de pensar e de refletir, integridade, força de vida, humildade intelectual, coerência ética, generosidade mental, existem para não apequenar a vida que, de fato, é muito curta para ser pequena.

Obrigado.

(APLAUSOS)

SIMPÓSIO

PAULO FLORES

Consultor na Área de Desenvolvimento Social

Professor, sou Consultor de Desenvolvimento Pessoal e, na realidade, não quero fazer uma pergunta e sim compartilhar com o senhor um dilema, uma angústia que me persegue. O Presidente Lula, em seu primeiro mandato, vociferou, alto e bem claro, que não havia neste País quem pudesse discutir ética com ele.

Creio que ele ganhou a razão uma vez que ninguém se manifestou. Significa que o Brasil não pensa a ética como deveria para se sentir incomodado naquele momento. Pediria que o senhor comentasse tal fato.

MÁRIO SÉRGIO CORTELA

Nenhum governante, tampouco o Presidente Lula, está imune a dizer tolices; nem eu. Como Secretário, em diversas ocasiões, disse várias tolices. Acredito que o Presidente Lula, por ser uma pessoa decente sob este ponto de vista, é também capaz de falar o que não deve – uma oportunidade foi essa. O Presidente quis passar uma ideia e passou outra. Quis dizer que estava apto a não ser atacado e criticado porque havia lutado a vida inteira pela democracia e, portanto, nunca poderia ser questionado a esse respeito. Tal idéia não é verdadeira, pois todos podem discutir ética e pensar a ética com todos.

Então, Paulo, não ficaria com essa angústia. Relevaria esta questão, pois qualquer um de nós é capaz de falar bobagem, torcer para o time errado ou casar com a pessoa inadequada. É necessário tomar cuidado. Aprende-se ao longo do mandato. Sou um exemplo desse aprendizado quando comecei a falar em público na área política.

Não sei se algum dos senhores sabe como é realizada uma inauguração de escola. Na primeira inauguração de escola que realizei havia muitas crianças correndo para lá e para cá. Eu, um acadêmico, professor doutor da universidade, começava a falar e as pessoas não me

ouviam e, tampouco, prestavam atenção ao que estava falando, e a criançada continuava correndo para lá e para cá.

Na sequência, subiu no palanque o líder comunitário, que gritou: “Pessoal, quem abrir a boca agora é tonto!” A partir desse momento foi feito silêncio. Em seguida, fui para outra escola e comecei o meu discurso dizendo: “Pessoal, quem abrir a boca agora é tonto!” Fez-se aquele silêncio. O aprendizado acontece dessa maneira.

O Presidente Lula, como qualquer um de nós, aprende coisas e também tem muito a ensinar. Uma das coisas que ele tem a aprender é, exatamente, a capacidade de, às vezes, não dizer coisas que o levem a ser arrogante. O presidente anterior a ele é um homem muito inteligente e várias vezes pareceu ser arrogante – o que não é verdade. Convivi imensamente com Dona Ruth Cardoso. Fui do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Ela era uma Antropóloga de uma humildade imensa. Admiro imensamente o seu viúvo, o Sr. Fernando Henrique, que, às vezes, também faz o que não deve.

Uma das coisas mais perigosas da vida, talvez a mais perigosa, é um incompetente com iniciativa, quer seja no volante, no avião ou no hospital. Não que o ex-presidente seja incompetente; ao contrário, não é. Eu teria que ser tonto de dizê-lo se 70% das pessoas no País acha que ele não é. Claro que não o direi. Mas eu sou livre para dizer que ele é ou que não é. Mas também não posso entender que quem acha que ele não é seja tonto só por pensar de outro modo. Mas um incompetente com iniciativa é um risco grande.

Se o senhor possui esta angústia, deixe de tê-la. Há uma frase que não tem a ver com você e sim com todos nós, qual seja: “A diferença entre a genialidade e a estupidez é que a genialidade tem limite.”

Palavra aberta, porta fechada.

JAIME CIPRIANI

*Coordenador de Memória e Cultura do
Superior Tribunal de Justiça*

Professor Mário, sou seu aluno há 20 anos e continuo seu aprendiz. O senhor de fato, com todo o ensinamento que nos tem passado, mantém a inocência pura de um grande orientador para o povo brasileiro, o que muito nos honra e dignifica.

Estou refletindo muito sobre ética e, recentemente, li um artigo sobre os diversos códigos de ética existentes. Pelo que percebi, o autor do artigo, que não me recordo o nome, também manifestava preocupação, dizendo que a maioria dos códigos de ética encobre determinados privilégios e até são criados em busca de privilégios. Concordo plenamente e assim temos buscado e sido orientados, aqui no Tribunal, na busca do bem-estar e da promoção da vida, vida para todos e vida em plenitude. Essa é uma máxima que adotamos, sobretudo no setor onde atuo inspirado na Casa.

Surgiu-me uma dúvida quando foi colocado pelo senhor, em dado momento, que ética é a capacidade de decidir, de escolher ou que está muito ligada a uma razão pessoal. Essa ideia me trouxe um conflito, porque só vejo uma ética, e não várias éticas: a da promoção do bem estar e da vida das pessoas, da vida em plenitude, íntegra e sincera – a única ética que vejo possível. Não compreendo bem quando podemos criar vários códigos de ética.

Achei interessante o código de ética criado pelo Tribunal, muito bem formulado. Encantei-me com ele, pois são princípios para seguirmos e com isso oferecermos melhores serviços e produtos à sociedade. Preocupa-me o fato de não conseguir enxergar um código de ética que não o da promoção das pessoas, motivo pelo qual não deveria haver vários códigos, até para evitarmos que pessoas e grupos criem privilégios e escondam determinados objetivos que não são claros para a sociedade brasileira.

MÁRIO SÉRGIO CORTELA

Há várias questões em relação a esse assunto. A primeira delas é lembrar que o Tribunal criou um Código de Conduta. Não escreveu um código de ética, o que é interessante, porque correto. Do ponto de vista conceitual, um código de ética não existe, porque ética são princípios e um código precisa ter normas e sanções. Por isso que Código de Conduta é mais adequado que código de ética, mas como o termo código de ética consagrou-se, ele entra no nosso debate.

Caro Jaime, uma coisa é quando você coloca como sendo o seu desejo, que é o mesmo que o meu, que é o do horizonte possível. O horizonte possível é um único código de ética. Tentou-se isso com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, mas não temos ainda um único código de ética. Poderemos tê-lo. Um dia, os judeus criaram os dez mandamentos mosaicos, o que era uma proposta. Pode ser que adotemos um único mandamento, dito por Jesus: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.", ou usamos, citado por você de forma indireta, o que está no Evangelho de João, capítulo 10, versículo 10: "Quero que tenhais vida e vida em abundância." Mas não a temos ainda; enquanto isso, é preciso que a tenhamos como horizonte.

Sempre digo que um dia veremos, na história da humanidade, a inexistência de hinos nacionais, pois o que é um hino nacional, senão a separação da humanidade? O nosso ainda fala em "berço esplendido", "à luz do mar"; mas a maior parte dos hinos nacionais dos outros países – observem hoje à noite, em um jogo de futebol, no qual participará um time brasileiro e outro de outro país – utiliza termos como "pegar", "esfolar", "arrancar", "cortar", "matar". Todo hino nacional é quase um hino de violência. Teremos uma humanidade de fato quando não houver mais hinos nacionais. Teremos um único código de ética quando pudermos caminhar para ele. Hoje temos múltiplos códigos tal como temos vários hinos nacionais. Mas meu sonho e o teu é a inexistência de hinos nacionais.

ALEXANDRE HORTA AZEREDO

*Coordenador de Pesquisa e Análise Comparativa do
Superior Tribunal de Justiça*

Proponho uma reflexão rápida, pois esta matéria é para se debater. A ética valeria também em relação aos animais, por exemplo, ao nos alimentarmos dos animais e ao fato de os maltratarmos, ou diria mais respeito às relações entre os seres humanos, esquecendo o que fazemos no almoço, no café da manhã e no jantar?

MÁRIO SÉRGIO CORTELA

Há toda uma área hoje que trata exatamente desse tema, digamos, uma “ecoética” ou de uma ética da vida que ultrapassa a mera vida humana. Quando se fala em nossa relação com outros animais, claramente nos vem a ideia de que teríamos que ser vegetarianos. Cuidado, porque quem come um pé de alface, arranca-o do chão e matando-o. O suco de laranja que se toma é de uma laranja que foi arrancada do lugar onde ela estava.

É preciso ter cuidado. Não é que o vegetariano respeite a vida, pois ele arranca o pé de alface. Existe a ideia de somente comer-se verdura para não engordar. Cuidado. Elefante e hipopótamo também só comem verdura. Então é melhor comer somente peixe. A baleia só come peixe também. A lógica não é tão banal assim.

Há algo sério, que vem à tona hoje: a ideia de não maltratarmos o animal com o qual vamos nos alimentar. Da mesma maneira que gostamos de criar flores para enfeitar. Uma coisa que nos machuca é ver uma rosa que fenece por falta de água ou uma orquídea que foi descuidada, pois, ao ser tirada do seu meio de vida, é preciso continuar cuidando dela. Não vamos eliminar, pelo menos não agora, a ingestão de outros seres vivos. Se fossemos coerentes na vida, a única coisa que comeríamos era leite. Inclusive, a vaca não fornece leite, o que ela não consegue é segurá-lo por mais tempo. A única coisa que de fato foi feito para ser alimento é leite, mas nele existem lactobacilos que também são

seres vivos. A pessoa abriu a boca, respirou, comeu uma série de seres. O nosso problema é o tamanho? Enquanto se está comendo o que está presente no alface, mas que não se vê, tudo bem. A questão é um pouco mais séria. A questão é não maltratarmos, não humilharmos, não produzirmos uma dor desnecessária em um ser que nos servirá de alimento. Na natureza inteira os seres alimentam-se uns dos outros.

Costumo dizer que a política é igual ao mar. No mar, não se conhece nenhum peixe que morreu de velhice. Um come o outro. É igual política. Um come o outro, ninguém morre de velhice. Essa é uma questão de ponto de vista. Hoje existem vários movimentos no mundo que trazem à tona a questão de como fazer-se essa execução.

O Brasil, exportador de carne suína ou bovina, precisa identificar para o comprador de fora quais são os métodos de execução. No interior do Rio Grande do Sul, a indústria de suínos e de frangos precisa provar qual é o controle que faz para que não haja o maltratar dos animais, sendo essa uma das normas da Bioética.

Termino citando que a Carol, minha filha, disse que vai me processar – todos sabem que advogada criminalística faz isso o tempo todo. Na semana passada, estava jantando com ela em Florianópolis – na minha família há muitos advogados e por isso um dos nossos esportes prediletos é tripudiar sobre eles – e perguntei-lhe se ela sabia que agora, por conta das normas de bioéticas que o CTNBIO criou no Brasil, não se pode mais usar cobaias em experiências em laboratório, mas apenas advogados. Ela perguntou-me: “Por quê?”, e respondi-lhe que era, primeiro, porque advogado havia bastante e, segundo, por não se pegar amor ao bichinho. Esse é um princípio ético: substituamos as cobaias pelos advogados.

Obrigado.